

# Geografia geral para portugueses e brasileiros: A biblioteca do povo e das escolas

**RESUMO:** Este trabalho analisa a *Geografia geral*, de Francisco Guilherme de Sousa, no contexto da coleção *Biblioteca do povo e das escolas*. A análise buscou compreender o discurso do seu autor e também as estratégias da Casa Editora David Corazzi, responsável por uma coleção de 237 livros que circulou durante 32 anos, entre 1881 e 1913, em Portugal e no Brasil. Na *Geografia geral*, desfilam a descrição das raças, religiões, governos e Estados à época existentes.

**PALAVRAS-CHAVE:** Bibliotecas; Pesquisa; Geografia.

*Geografia geral* foi o segundo livro da *Biblioteca do povo e das escolas*, coleção que começou a circular em 1881 publicando uma *História de Portugal*. A coleção de 237 livros da Editora David Corazzi, de Lisboa, circulou durante 32 anos, entre 1881 e 1913, em Portugal e no Brasil. Francisco Guilherme de Sousa, autor do segundo livro da coleção<sup>1</sup>, apresentou aos estudantes portugueses e brasileiros uma *Geografia geral* na qual desfilam a descrição das raças, religiões, governos e Estados à época existentes, e destacou ainda que o texto era ilustrado com um mapa *mundi*. Este trabalho analisa a circulação da *Geografia geral* no contexto da coleção. A análise buscou compreender o discurso do autor e também as estratégias da Casa Editora David Corazzi.

Os livros da coleção Biblioteca do Povo e das Escolas circularam no Brasil desde o seu lançamento, na década de 80 do século XIX. Os autores deste artigo entraram em contato com a coleção ainda no ano de 1996, quando Jorge Carvalho do Nascimento recebeu trinta e oito exemplares encontrados em um casarão de Salvador e vendidos a um colecionador de Aracaju<sup>2</sup>. Segundo o vendedor, os livros pertenciam aos seus familiares, desde o início do século XX. O exame dos exemplares revelou um material da maior importância<sup>3</sup>. Desde então foram muitas as buscas com o objetivo de melhor entender aqueles trabalhos. No ano de 1997, em Portugal, percorrendo sebos, Jorge Carvalho do Nascimento recuperou vinte e quatro das vinte e nove séries que constituem a coleção<sup>4</sup>.

## Jorge Carvalho do Nascimento

Professor do Departamento de História Coordenador do Mestrado em Educação da Universidade Federal de Sergipe  
jorge@ufs.br

## Vera Maria dos Santos

Professora do curso de Pedagogia e Letras da Faculdade Atlântico Técnica em Assuntos Educacionais da UFS  
veramstos@oi.com.br

(1) Além da *Geografia geral*, Francisco Guilherme de Sousa é autor de cinco outros livros da coleção *Biblioteca do povo e das escolas*: Zoologia, Botânica, Agricultura, Mamíferos e História Natural das aves.

(2) Trata-se do bibliófilo e escritor Luiz Antônio Barreto, presidente do Instituto Tobias Barreto de Educação e Cultura – ITBEC.

(3) Os títulos de alguns volumes chamaram a atenção imediatamente: *Corografia do Brasil*, *Costumes angolenses*, *Deveres do homem*, *Civilidade*, *Copa e cozinha*, *O feminismo na indústria portuguesa*, *A peste*, *O descobrimento do Brasil*, *Arte para todos*, *Higiene da beleza*. A partir deles, foi possível perceber o esforço que faziam os intelectuais brasileiros e portugueses investindo, através da escola, para a formação do homem civilizado.

(4) Debruçando-se sobre o tema, este autor teve oportunidade de publicar quatro trabalhos sobre o assunto: "Nota Prévia sobre a palavra impressa no Brasil do Século XIX - A Biblioteca do Povo e das Escolas". *Hora de Estudo*, Aracaju/SE, v. Ano 3, n. Número 5, 2000; "Notas Prévias ao Estudo da Palavra Impressa no Brasil do Século XIX - A Biblioteca do Povo e das Escolas". In: I Congresso Brasileiro de História da Educação, 2000, Rio de Janeiro. **I Congresso Brasileiro de História da Educação**. Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira de História da Educação, 2000. p. 91-93; "Nota prévia sobre a palavra impressa no Brasil do século XIX: a Biblioteca do Povo e das Escolas". *Horizontes*, Bragança Paulista/SP, v. 19, p. 11-27, 2001; "História de Portugal para estudantes brasileiros: a Biblioteca do Povo e das Escolas". In: VI Congresso luso-

Brasileiro de História da Educação, 2006. Uberlândia-MG. **VI Congresso Iuso-Brasileiro de História da Educação**: percursos e desafios da pesquisa e do ensino de História da Educação. Uberlândia-MG: Universidade Federal de Uberlândia, 2006. p. 250-251.

(5) Hallewell esclarece que à época o formato corrente do livro em circulação no Brasil era o chamado formato francês, "ao qual a maioria dos livros brasileiros se ajustou durante 60 anos ou mais. Esse formato existia em dois tamanhos: in-oitavo (16,5 X 10,5 centímetros) e outro muito mais freqüente, o longo in-doze (17,5 X 11,0 centímetros)". Cf. HALLEWEL, Laurence. **O Livro no Brasil**. São Paulo, T. A. Queiroz/ Editora da Universidade de São Paulo, 1985. p. 146.

(6) Cf. WUO, Wagner. "O ensino da Física na perspectiva do livro didático". In: OLIVEIRA, Marcos Aurélio Taborda de; RANZI, Serlei Maria Fischer Ranzi. (Org.). **História das disciplinas escolares no Brasil**: contribuições para o debate. Bragança Paulista: EDUSF, 2003. p. 308.

(7) Cf. CHARTIER, Roger. **Os desafios da escrita**. Tradução Fúlvia M. L. Moretto. São Paulo: Editora UNESP, 2002. p. 110.

(8) Cf. CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros**: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Tradução de: Mary Del Priori. Brasília: Editora Universitária de Brasília, 1999.

Os volumes da *Biblioteca do povo e das escolas* eram publicados quinzenalmente, nos dias 10 e 25 de cada mês, cada um com rigorosas 64 páginas, em formato de 15,5 X 10 centímetros<sup>5</sup>, de composição cheia. A edição dos dois primeiros volumes foi de seis mil exemplares cada. A partir do terceiro volume, começaram a ser impressos 12 mil exemplares de cada vez. A tiragem subiu para 15 mil exemplares a partir do volume 10. A cada oito volumes, os livros recebiam uma única encadernação de capa dura, constituindo uma série. Ao longo dos 32 anos em que a coleção circulou, foram encadernadas 29 séries.

Se do ponto de vista dos problemas que envolviam o mercado de produção e circulação de livros naquele momento, a *Biblioteca do povo e das escolas* é um documento da maior importância, extremamente mais rica se apresenta tal coleção quando pensamos acerca das possibilidades de compreensão do quadro de mentalidades existentes à época e do projeto que se punha à escola como centro de formação no Brasil das últimas décadas do século XIX e das primeiras décadas do século XX. Do mesmo modo, é fértil a contribuição que tais livros podem nos dar quanto aos olhares que temos lançado sobre o nosso passado, principalmente no que diz respeito aos estudos acerca de fenômenos como as práticas culturais e educativas no Brasil.

## A geografia nos livros oitocentistas

O livro didático desempenha um papel importante, impõe uma ordem, decifra e vulgariza os discursos disciplinares. O impresso didático, "além de contemplar a prescrição curricular oficial, constitui uma manifestação material e concreta do saber transformado para fins didáticos. Afora isso, oferece um ordenamento aos conteúdos e sugere diversas atividades pedagógicas para se trabalhar tais conteúdos"<sup>6</sup>. Sob tal perspectiva, o conceito de livro didático é tomado aqui a partir de autores que o consideram "como objeto material, diferente de outros tipos de escritos, cuja coerência e completude resultam de uma intenção intelectual ou estética"<sup>7</sup>. De acordo com o que propõe Roger Chartier, "os livros são vistos aqui como produtores de um universo de inter-relações humanas que se estabelecem a partir das diversas e variáveis maneiras de se abordar a arte da leitura"<sup>8</sup>. Ainda para Chartier, não existe separação entre a função do livro

e a sua materialidade. Muito pelo contrário, elas se completam, tornando-se realidades físicas, e assim passam a existir<sup>9</sup>.

Na mesma direção de Chartier, Munakata<sup>10</sup> compreende o livro didático como objeto material, constituído basicamente de tinta e papel. É um tipo de livro transportado, constantemente, da casa do seu leitor para um lugar específico que se chama escola e, desta para o ponto inicial - e isso quase diariamente. Dentro dessa mesma perspectiva, Carvalho<sup>11</sup> defende a idéia do livro como um objeto cultural que guarda as marcas de sua produção e de seus usos sendo estas reveladoras de modelos, práticas e condicionamentos sociais que vigoraram numa determinada época na sociedade.

No estudo sobre os livros didáticos de Geografia, realizado por Vera Maria dos Santos<sup>12</sup>, é possível identificar muitos trabalhos sobre essa disciplina produzidos em outros países e que circularam no Brasil durante o século XIX. A 13ª edição do *Manual enciclopédico*, de Emílio Achilles Monteverde, adotado em Sergipe desde 1854, é exemplo de um livro português que circulou em Sergipe. Essa obra, produzida pela Imprensa Nacional de Lisboa, foi indicada para o uso da instrução primária brasileira. O comentário do editor do livro afirma que o *Manual enciclopédico*

é uma das melhores obras do Conselheiro Monteverde, preencheu na época da sua primeira aparição uma grande lacuna nos livros clássicos portugueses, merecendo por isso o prompto, benevolente e largo acolhimento do público, tanto em Portugal como no Brasil, a ponto de se terem publicado doze edições, de muitos milhares de exemplares de cada uma: facto pouco vulgar entre nos<sup>13</sup>.

Jorge Carvalho do Nascimento enfatizou essa questão ao afirmar que “os textos em circulação no Brasil desde o século XVI e até o início do século XX, mesmo os de autores brasileiros, eram predominantemente produzidos em Portugal, onde a imprensa tipográfica fora introduzida desde 1487”<sup>14</sup>. Intelectuais portugueses como Valentim Magalhães costumavam afirmar: “o Brasil é o melhor mercado de livros lusitanos”<sup>15</sup>. Na verdade, eram livros dessa natureza que faziam parte do nosso cotidiano escolar. A *Biblioteca do povo e das escolas* não destoava da situação acima comentada. Essa coleção portuguesa circulou no Brasil a partir de 1881. Trouxe o conteúdo da *Geografia geral* no seu segundo livro, logo depois da publicação da História de Portugal.

(9) CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros**: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Tradução de: Mary Del Priori. Brasília: Editora Universitária de Brasília, 1999. p. 8.

(10) Cf. MUNAKATA, Kazumi. **Produzindo livros didáticos e paradidáticos**. São Paulo: PUC, 1997. p. 4. Tese (Doutorado em Educação).

(11) Cf. CARVALHO, Marta Maria Chagas de. “Usos escolares do impresso: Questões de historiografia”. In: **Cadernos de História e Filosofia da Educação**. São Paulo: FEUSP, vol III, n. 5, 2000.

(12) Cf. SANTOS, Vera Maria dos. **A Geografia e os seus livros didáticos sobre Sergipe**: do século XIX ao século XX. Aracaju, Núcleo de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Sergipe, 2004. Dissertação (Mestrado em Educação).

(13) Cf. MONTEVERDE, Emílio Achilles. **Manual Enciclopédico**. Lisboa: Imprensa Nacional. [1897]. p. 10.

(14) NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. “Nota prévia sobre a palavra impressa no Brasil do século XIX: a biblioteca do povo e das escolas”. In: **Horizontes**. Bragança Paulista: Centro de Documentação e Pesquisa em História da Educação. v. 19, 2001. p. 12.

(15) Cf. MAGALHÃES, Valentim. **Litteratura brasileira (1870-1895)**. Rio de Janeiro, Lisboa: Livraria de Antonio Maria Pereira, 1896. p. 9.

O sumário da *Geografia geral* publicada pela coleção *Biblioteca do povo e das escolas* explicita que o conteúdo é desenvolvido em cinco partes. Um travessão indica o começo e o fim de cada assunto:

Geographia e suas divisões. Geographia mathematica, physica e politica.  
– Globo terrestre; linhas e circulos principaes da esphera. – Latitude, longitude. – Pontos cardeaes. – Esphericidade da Terra – Movimentos da Terra – Divisões da Terra. – Divisões da parte solida e da parte liquida; definições. – Raças humanas. – Religiões. Línguas. – Formas de governo.  
– As cinco partes do mundo. – Oceano e suas divisões. – População do globo. – Mundo conhecido dos antigos.

Após essa abordagem geral, o autor tratou dos grandes continentes:

Europa, Ásia, África, América e Oceania, destacando de cada um a superfície, a população os limites, a Geografia física e política do continente. Europa: superfície; população; limites. – Geographia physica da Europa – Geographia politica da Europa. – Superfície, população (absoluta e relativa), limites, noticia historica, forma de governo, religião, cidades importantes, etc., de cada um dos Estados da Europa; Asia: superfície; população; limites. – Geographia physica da Asia – Geographia politica da Asia. – Superfície, população, etc de cada um dos Estados da Ásia; Africa: superfície; população; limites. – Geographia physica da Africa – Geographia politica da Africa. – Superfície, população, etc de cada um dos Estados da África; America: superfície; população; limites. – Geographia physica da America – Geographia politica da America. – Superfície, população, etc de cada um dos Estados da América; Oceania: Malasia, Melanesia, Micronésia, Polynesia, Terras antarcticas.

Após a abordagem resumida de cada um dos continentes, o autor tratou de cada país. A Europa foi estudada a partir dos seguintes países: “Inglaterra, Escócia, Irlanda, Dinamarca (Archipelago Dinamarquez, Jutlandia, Islândia)”. A Islândia era, à época, uma possessão de terra pertencente à Dinamarca. Suécia e Noruega (países que faziam parte da Península escandinava), Rússia, França, Bélgica, Holanda, Limburgo, Luxemburgo e Alemanha. A partir dessa seqüência, o autor tratou ainda de quatro reinos: Prússia, Baviera, Saxônia e Wutemberg; de seis grão-

ducados: Baden, Hessen-Darmstadt, Mecklenburgo-Schwerin, Oldemburgo, Saxe-Weimar, Mecklenburgo-Strelitz; de cinco ducados: Brunswick, Anhalt-Dessau-Bernburgo, Saxe-Meiningen, Saxe-Coburgo-Gotta, Saxe-Altenburgo; de seis principados: Lippe-Detemold, Reuss-Schleiz-Lobenstein-Ebersdorf, Schwarzburgo-Rudolstadt, Waldeck, Reuss-Greiz, Lippe-Sschauenburg; de três cidades livres: Hamburgo, Bremen e Lubeck; do governo da Alsacia-Lorena: Strasburgo, Mulhouse, Colmar, Thionville e Schlestadt. Estudou ainda “Austria-Hungria, Suíça, Espanha, Portugal, Itália, Turquia da Europa, Rumania, Servia, Montenegro, Grécia”. Em relação à Ásia, destacou os seguintes países: “Sibéria, Transcaucasia, Turquia Asiática, Pérsia ou Iran, Afeganistão, Herat, Turkestan, China, Japão, Indo-China, Índia, Arábia”. No continente africano, tratou do “Egipto, Berberia ou Maghreb”. Destacou as possessões de terras europeias (portuguesas, francesas, espanholas, inglesas) e os estados africanos. No continente Americano, apresentou o que ele denominou de regiões: “Groenlândia, América Septentrional Inglesa, Estados Unidos, México, América Central, Nova Granada, Equador, Venezuela, Guianas, Brasil, Uruguai, Confederação Argentina, Paraguai, Peru, Bolívia, Chile, Antilhas e a Patagônia”. Na Oceania, destacou “Malásia, Melanésia, Micronésia, Polinésia e as Terras Antárticas”.

É possível supor que a ordem estabelecida pelo autor para a apresentação dos continentes revela o nível de importância que cada um tinha na época. Quanto à descrição de cada país, o autor priorizou os seguintes aspectos: superfície, limites, número de habitantes, história, clima, capital e principais cidades. Nas primeiras páginas do trabalho, ele iniciou o assunto conceituando a Geografia como “ciência que trata da descrição da terra”<sup>16</sup>. Este era um conceito corrente da Geografia durante a segunda metade do século XIX e as primeiras décadas do século XX. Um dicionário produzido em 1919 apresenta um verbete que define Geografia como “descrição da terra” e aponta os seus domínios:

com relação ao solo, clima etc. (geografia física); das produções do solo (geografia econômica); com relação às raças, as línguas aos limites dos povos, das instituições (geografia política); com relação à história (Geografia histórica); com relação à figura do globo, ao lugar que ele ocupa no sistema planetário (geografia matemática)<sup>17</sup>.

(16) Cf. SOUSA, Francisco Guilherme de. **Geografia geral**. Lisboa, David Corazzi, 1881. p. 3. (Coleção *Biblioteca do Povo e das Escolas*).

(17) Cf. **Petit Larousse Illustré**. Paris: Librairie Larousse, 1919. p. 358.

Esse conceito era o mais adotado pelos intelectuais da época. O autor da *Geografia geral*, Francisco Guilherme de Sousa, assim como Laudelino Freire, apontou outros domínios da ciência geográfica:

Geographia mathematica estuda a forma e as dimensões da terra, a sua posição no espaço relativamente aos outros planetas, os movimentos, e ainda a maneira de representá-la, no todo ou em parte, por meio de globos ou de mappas (...) Geographia physica (que se subdivide em varios ramos) trata das divisões e produções naturaes do globo terrestre, da configuração e accidentação da sua superfície<sup>18</sup>.

Ainda nesse domínio, o autor incluiu o estudo da Hidrografia, Xerografia, Orografia, Geologia, Meteorologia, Climatologia, Geografia Zoológica, Geografia Botânica e Geografia Mineralógica. Outra inferência de domínio feita pelo autor foi a de que a

Geographia Política trata das divisões convencionaes estabelecidas pelos homens á superfície da terra, isto é da sua divisão em nações, e estuda em relação a cada uma d'ellas a extensão territorial, a população, a condição moral e social, o governo, a língua, a religião, o commercio, a industria, a agricultura<sup>19</sup>.

O último domínio citado pelo autor foi o da Geografia Histórica que enumera as transformações pelas quais uma região passa, colocando em evidência os povos que a habitaram em diversas épocas e as denominações que recebeu<sup>20</sup>. O forte conteúdo histórico é uma característica muito comum dos livros de Geografia produzidos no século XIX, traço que perdurou até a segunda metade do século XX.

No caso de Sergipe, essa evidência se manifestou até o ano de 1966, quando da publicação da *Geografia de Sergipe*, do professor Acrísio Tórres Araújo<sup>21</sup>. Ainda com relação ao caráter histórico da Geografia, é importante mencionar que com a criação da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe, em 1951, como ocorria em outras instituições de ensino superior do país, foi ofertado um curso de licenciatura unificado: Geografia e História. Somente em 1964 as duas disciplinas foram desmembradas em dois cursos autônomos. Em relação a essa junção, Kant já procurara demonstrar que a função da Geografia seria a de sistematizar a per-

(18) Cf. SOUSA, Francisco Guilherme de. **Geografia geral**. Lisboa, David Corazzi, 1881. p. 3. (Coleção *Biblioteca do Povo e das Escolas*).

(19) Cf. SOUSA, Francisco Guilherme de. **Geografia geral**. Lisboa, David Corazzi, 1881. p. 3. (Coleção *Biblioteca do Povo e das Escolas*).

(20) Cf. SOUSA, Francisco Guilherme de. **Geografia geral**. Lisboa, David Corazzi, 1881. p. 3. (Coleção *Biblioteca do Povo e das Escolas*).

(21) Cf. ARAÚJO, Acrísio Tórres. **Geografia de Sergipe**. 6. ed. São Paulo: Editora do Brasil, 1966.

cepção no campo do espaço, enquanto a História faria a sistematização no campo do tempo. Para ele, tempo e espaço são lugares conceituais distintos e, portanto, Geografia e História são saberes separados. Juntas, essas duas disciplinas se completavam, constituindo, dessa maneira, o campo empírico<sup>22</sup>. Chervel<sup>23</sup> argumenta que a História traz em sua bagagem a Geografia, sempre sua auxiliar privilegiada, sendo a origem dessa associação bem francesa, e por muito tempo pouco igualitária entre as duas disciplinas.

O conteúdo da *Geografia geral* de Francisco Guilherme de Sousa revela as características do ensino de Geografia no Brasil, em um determinado momento. Durante a segunda metade do século XIX, a Geografia Geral dominava o campo dos estudos de Geografia<sup>24</sup>. Esta marca está presente em livros de Geografia publicados à época, como *Lições de Geographia e Cosmographia*, de L. M. Canezza e *Elementos de Geographia Moderna e Cosmographia*, de autoria de P. D'Abreu. Rocha criticou a adoção dos conteúdos de Geografia Geral pelas escolas oitocentistas e utilizou os argumentos do conhecido Parecer de Rui Barbosa<sup>25</sup> para mostrar que a *Pequena Geographia da infância*, de Joaquim Maria Lacerda<sup>26</sup>, colocava em evidência a distância existente entre a Geografia ensinada no Brasil e os conteúdos que em nome desta disciplina eram ensinados em outros países como França, Alemanha e Suíça:

Para mostrar o quão infinitamente longe estamos desses modelos, bastará folhear alguns manuais elementares de geografia. Tomemos, por exemplo, a *Pequena Geografia da infância*, composta para as escolas primárias.

[...] Então, em vez de principiar pelo município, pela Província ou pelo país, o curso consagra as primeiras lições à Europa, à Ásia, à África, à América (onde o discípulo repete simplesmente o nome da pátria, confundindo, sem uma palavra de distinção, entre os demais Estados) e à Oceania, para, depois, recomeçando, estudar a geografia particular de todos os países das cinco partes do mundo, e só no fim receber a notícia do seu [...] <sup>27</sup>.

Não obstante essas observações, é importante que os impressos didáticos do século XIX sejam interpretados sem que o analista assumo o viés do presentismo, evitando riscos como o de acusá-los de resumidos, imprecisos ou incompletos. É preciso compreendê-los sob as circunstâncias nas quais foram produzi-

(22) Cf. ROCHA, Genylton Odilon Rego da. **A trajetória da disciplina Geografia no currículo escolar brasileiro (1837–1942)**. São Paulo: PUC, 1996. p. 108. Dissertação (Mestrado em Educação: Supervisão).

(23) Cf. CHERVEL, André e COMPÈRE, Marie-Madeleine. "As humanidades no ensino". In: **Educação e Pesquisa**. São Paulo v. 25, n.2. p. 149-170, jul/dez. 1999. p. 168.

(24) Cf. SANTOS, Vera Maria dos. **A Geografia e os seus livros didáticos sobre Sergipe**: do século XIX ao século XX. Aracaju: Núcleo de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Sergipe, 2004. p. 23. Dissertação (Mestrado em Educação).

(25) O chamado "Parecer de Ruy Barbosa" recebeu a colaboração de três deputados: Thomaz de Bonfim Spindola, Ulisses Machado Pereira Vianna e Ruy Barbosa. Neste documento, Ruy Barbosa produz um diagnóstico do ensino no Brasil para justificar e encaminhar os projetos de lei substitutivos ao Decreto Leônico de Carvalho, editado em 19 de abril de 1879. O parecer se constituiu em importante documento "para qualquer análise acerca da história da educação brasileira e sobretudo para a história do nosso currículo escolar". Cf. ROCHA, Genylton Odilon Rego da. "A Geografia escolar nos fins do século XIX: revisitando os pareceres de Ruy Barbosa de 1882". In: **I Encontro Nacional de História do Pensamento Geográfico**. Vol. 1, Rio Claro: UNESP, 1999. p. 183.

(26) Cf. LACERDA, Joaquim Maria. **Pequena Geographia da infância**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1914.

(27) Cf. BARBOSA, Ruy. Apud ROCHA, Genylton Odilon Rego da. "A Geografia escolar nos fins do século XIX: revisitando os pareceres de Ruy Barbosa de 1882". In: **I Encontro Nacional de História do Pensamento Geográfico**. Vol. 1, Rio Claro: UNESP, 1999. p. 186.

dos e cumpriram a sua função de civilizar os portugueses e brasileiros.

A *Geografia geral* da coleção *Biblioteca do povo e das escolas* ensinou os conteúdos geográficos necessários aos estudantes do século XIX. Os livros que circularam nas escolas e os regulamentos propostos orientaram o ensino dos conteúdos geográficos e compuseram o ambiente que constituiu o ensino da Geografia no período monárquico.

### A coleção da Editora David Corazzi

David Augusto Corazzi foi um editor e livreiro português que ganhou muita visibilidade entre o final da década de 70 e o início da década de 90 do século XIX, por saber mostrar a sua competência empresarial, colocando no mercado muitas publicações importantes a preços baixos. Filho de um médico português, aos 27 anos de idade, ele vendeu os direitos de publicação de um livro de Medicina escrito pelo seu pai (*Novo consultador médico-cirúrgico*). Foi com o reduzido capital obtido a partir desta venda que Corazzi deu início a sua bem sucedida carreira de editor. Depois de alguns anos no mercado, “foi em 1881 que o editor publicou seu principal projeto, o primeiro volume da Biblioteca do povo e das escolas”<sup>28</sup>.

A coleção se propunha a ser “propaganda de instrução para portugueses e brasileiros” – como aparecia no frontispício de cada um dos volumes –, uma vez que seus editores entendiam haver “na sociedade moderna uma incontestável tendência para a vulgarização dos conhecimentos humanos em todos os seus ramos variadíssimos”<sup>29</sup>. O propósito da coleção era claramente iluminista e o seu caráter eminentemente enciclopédico: “A *Biblioteca do povo e das escolas* vem acudir a uma falta que já, desde tempos, outros países tais como a Inglaterra, a França, a Itália, a Alemanha e os Estados Unidos têm tratado de remediar dando a público, por módico preço, coleções no gênero da que ora sai a lume”<sup>30</sup>.

Em Portugal, o hábito de publicar coleções dessa natureza começou ainda na primeira metade do século XIX, quando “a famosa Tipografia Rollandiana criou as primeiras coleções literárias de preços baixos no país: a Coleção do Teatro Estrangeiro e o Pecúlio do Recreio, biblioteca composta de duzentos volumes”<sup>31</sup>. Segundo Alessandra El Far, “as obras populares não eram aquelas

(28) EL FAR, Alessandra. **Páginas de sensação**: literatura popular e pornográfica no Rio de Janeiro (1870-1924). São Paulo, Companhia das Letras, 2004. p. 55.

(29) Cf. “Quatro páginas de prólogo” (texto de abertura da Sexta série da coleção, publicada em 1883).

(30) Cf. “Quatro páginas de prólogo” (texto de abertura da Sexta série da coleção, publicada em 1883).

(31) EL FAR, Alessandra. **Páginas de sensação**: literatura popular e pornográfica no Rio de Janeiro (1870-1924). São Paulo, Companhia das Letras, 2004. p. 52.

direcionadas a um público específico, e sim as que recebiam um tratamento editorial interessado em baixar o seu custo de produção e dinamizar seu consumo”<sup>32</sup>.

O editor dava, assim, à série de livros a natureza de um empreendimento civilizador que buscava inocular gradualmente o espírito das pessoas com o germe de noções indispensáveis à modernidade do final do século XIX. E comparava: “as suas monografias alcançaram a importância dos Manuais Roret, lidos e estudados em todo o mundo”<sup>33</sup>. Indiscutivelmente, o modelo da coleção era inspirado em muitos similares que circularam desde o século XVIII em países como Inglaterra, França, Itália, Alemanha e Estados Unidos – considerados, à época, como sendo a vanguarda da civilização. A indústria era vista como uma das mais fortes características do século, enquanto a máquina a vapor era tida como a mais importante expressão da indústria: “A máquina de vapor representa o brilhante domínio da intelectualidade humana sobre as forças brutas da natureza inconsciente. Na máquina a vapor se consubstancia verdadeiramente a civilização do século XIX”<sup>34</sup>.

O discurso civilizador valorizava a escola como sendo a agência destinada, por excelência, ao cultivo das grandes virtudes, ao fortalecimento dos espíritos, à formação do homem do futuro, o homem consciente. O homem civilizado, escolarizado, seria capaz de organizar a família em bases sólidas, simpáticas e justas, de acordo com as aspirações do progresso, em consonância com as normas científicas. O imaginário da intelectualidade do século XIX contrapunha a inconsciência das máquinas à inteligência humana. Havia uma busca, tanto em Portugal quanto no Brasil, pelo ideário civilizador, pelo refinamento dos padrões sociais gerais. E isso impunha a necessidade de incorporação de um patamar mínimo de conhecimento que estava nos livros. Era necessário, sob todas as formas, incitar ao estudo os grupos sociais que as elites da época denominavam de classes populares.

O caráter popular da *Biblioteca do povo e da escola* é muito transparente. “O operário, o estudante, o chefe de família ou o professor, não hesitarão em formar a sua biblioteca econômica com estes livrinhos que lhe explicam tudo quanto poderiam aprender em outros de preços elevadíssimos relativamente aos haveres da maior parte das pessoas”<sup>35</sup>.

O baixo preço dos livros<sup>36</sup> criava a possibilidade de superação daquilo que se entendia ser uma das maiores dificuldades ao de-

(32) Cf. EL FAR, Alessandra. **Páginas de sensação**: literatura popular e pornográfica no Rio de Janeiro (1870-1924). São Paulo, Companhia das Letras, 2004. p. 12.

(33) Cf. **A Época**, nº 132. Ponta Delgada, Portugal, 12 de Julho de 1884.

(34) Cf. “Valha como Prefácio” (texto de abertura da Décima série, publicada em 1884).

(35) Cf. Prefácio da Oitava série da coleção, publicada em 1883.

(36) Cada volume custava 50 réis.

(37) Cf. "Quatro páginas de prólogo" (texto de abertura da Sexta série da coleção, publicada em 1883).

(38) Cf. **Diário de Notícias**, nº 7.149. Lisboa, 13 de Dezembro de 1885.

(39) José de Mello e Viriato Silva.

(40) **Fabulas e Apólogos**.

(41) **Livro do Natal**.

envolvimento da instrução popular: a má seleção e a carestia dos livros adotados nas escolas. Estava claramente posta a intenção de combater "a imposição odiosa dos detestáveis compêndios de ensino, eivados de erros grosseiros e vendidos por preços absolutamente incompatível com a exigüidade de recursos das classes trabalhadoras e pobres"<sup>37</sup>. Aparece, portanto, com muita força, a natureza didática da coleção, aquilo que o discurso do final do século XIX chamava de propaganda instrutiva. "Não é fundando escolas superiores e cursos de preparatórios difíceis que se ilustra um povo, mas fazendo propaganda, e tornando acessíveis a todos as artes, as ciências e as letras"<sup>38</sup> – afirmavam os editores. Vanguardista, em algumas ocasiões a coleção teve de advertir os seus leitores acerca da incompatibilidade entre o conteúdo científico dos volumes e o padrão moral vigente à época. O volume 128, que tem como título *O macho e a fêmea no reino animal*, previne os pais de família e os pedagogos que o texto "não constitui leitura adequada a pessoas de menor idade".

O plano original da obra foi cumprido com a publicação das oito primeiras séries. A previsão do projeto inicial era de que a coleção deveria abranger sete grandes áreas do conhecimento, a saber: Educação Corporal, Zoologia, Física, História, Literatura, Jurisprudência e Lingüística. O enorme sucesso comercial, contudo, levou a que se publicassem mais vinte e uma séries além das oito inicialmente previstas. Os livros publicados foram produzidos por noventa e um pesquisadores. Destes, não foi possível identificar as profissões de quatorze autores. Dos setenta e sete restantes, dois eram engenheiros agrônomos, dois tipógrafos, cinco médicos, vinte e dois oficiais militares do exército e da marinha, um comerciante, três estudantes de direito, um farmacêutico, um estudante de letras, dezoito professores, um telegrafista, um ator, quatro funcionários públicos, três escritores, um naturalista, um advogado, três estudantes de artes industriais e comerciais, um poeta, um botânico, dois sacerdotes, um cenógrafo, um estudante de agronomia, dois jornalistas e um estudante de medicina. Dentre os noventa e um autores, foi possível identificar a presença de apenas dois brasileiros<sup>39</sup>. Os demais eram portugueses.

O editor não esclarece os nomes dos responsáveis pelos volumes 62<sup>40</sup> e 69<sup>41</sup>. Dentre os autores, João Maria Jalles é responsável pela maior quantidade de textos publicados – 13 deles. Tenente da Artilharia do Exército de Portugal, ele escreveu os volumes

versando sobre *Mineralogia, Geologia, Gravidade, Ótica e Mecânica e Magnetismo*. Já promovido Capitão de Artilharia, escreveu *Fotografia, Equitação, Metalurgia, Trigonometria, Os Balões em Portugal, Artilharia, Aerostação e Problemas de aritmética*. Depois de Jalles, é de João Cesário de Lacerda a segunda mais volumosa contribuição. O médico e jornalista português escreveu os textos de 11 volumes: *Introdução às ciências físico-naturais, Corografia de Portugal, Economia política, Higiene, As colônias portuguesas, O Código Civil Português, Anatomia humana, Fisiologia humana, História antiga, História da idade média e As ilhas adjacentes*. Vale a pena registrar a ausência de mulheres dentre os autores, mesmo nos temas considerados à época como próprios do gênero, a exemplo do *Livro das mães, Higiene da beleza, O feminismo na indústria portuguesa, Receitas úteis, A mulher na antiguidade, Higiene da habitação, Copa e cozinha, Higiene do quarto da cama e A missão da mulher*. Tal ausência pode nos dizer um pouco acerca do papel social da mulher no final do século XIX.

O êxito da *Biblioteca do povo e das escolas* assemelha-se ao enorme sucesso conhecido por outros trabalhos com apelo popular, que circularam exaustivamente no Brasil a partir do século XVIII e ao longo de todo o século XIX, como *A História de Carlos Magno e os 12 pares de França*, de Pepita de Leon. Também de muito sucesso editorial foi o *Compêndio do peregrino da América*, de Nuno Marques Pereira, que começou a circular entre nós também nos anos setecentos. Idêntica afirmação pode ser feita em relação ao *Lunário perpétuo*, de Jerônimo Cortez. Do mesmo modo, as edições do *Corão* e dos catecismos. Marcante e muito assemelhada à *Biblioteca do povo e das escolas*, com fascículos vendidos periodicamente, foi a *Coleção Quaresma*, que também circulou ao longo do século XIX e obteve muita aceitação.

Bem sucedida, a *Biblioteca do povo e das escolas* terminou recebendo vários prêmios. Ainda em 1881 foi homenageada com Medalha de Ouro, na Exposição do Rio de Janeiro. No ano de 1882, David Corazzi recebeu o Diploma Honorífico da Propaganda de Ciência Popular, conferido pela Associação Napolitana Propaganda de Ciência Popular Luz e Verdade – Guerra aos Mistificadores do Povo. Na mesma ocasião foi nomeado sócio-protetor daquela instituição. Em 1883 a coleção foi condecorada pela Sociedade Napolitana Giambattista Vico. Em 1888, o escritor Ramalho Ortigão publicou um longo artigo na *Gazeta de Notícias*,

do Rio de Janeiro, acerca da Exposição Industrial de Lisboa, fazendo uma série de referências à *Biblioteca do povo e das escolas*: “estes pequenos e obscuros livros, tão pouco mimosos de elogios, tão despercebidos da *réclame*, constituem já uma das mais completas e das mais perfeitas bibliotecas escolares que eu conheço”.

A casa editora David Corazzi conheceu um grande sucesso empresarial a partir da *Biblioteca do povo e das escolas*, tornando-se uma indústria de porte: “...aos escritórios da casa editora propriamente ditos estão anexas todas as oficinas de um grande estabelecimento de tipografia, compreendendo composição, impressão a vapor, estereotipia, alçado, brochuras, cartonagens e encadernação a máquina” – descreve Ramalho Ortigão. Além da *Biblioteca do povo e das escolas*, obtiveram grande êxito editorial o *Grande dicionário de Geografia universal*, o *Novo atlas de geografia moderna*, os *Dicionários do povo*, a *Biblioteca universal* – uma coleção de obras primas da literatura de Portugal e do mundo -, as *Biografias de homens célebres*, as *Grandes Viagens e os Grandes Viajantes*. Foi justamente o êxito obtido com a primeira série da *Biblioteca do povo e das escolas* que levou a editora ao lançamento, ainda em 1881, dos *Dicionários do povo*. O ano de 1883 foi particularmente movimentado para a Casa Editora David Corazzi que publicou a obra de Júlio Verne, em 39 volumes. Ainda no mesmo ano, publicou também uma *Geografia moderna*. Outra edição importante do mesmo ano foi o *Método simultâneo de leitura e escrita*, de Branco Rodrigues, que produziu também um volume com o título de *A higiene das crianças*; de igual modo, o *Manual teórico e prático de ginástica*, de Paulo Lauret. Um outro trabalho da maior importância que a editora colocou à disposição do seu público nesse mesmo ano foi a *História alegre de Portugal*, de Manuel Pinheiro Chagas; *O dicionário de Geografia universal* deu atenção especial a Portugal, ao Brasil e às demais províncias ultramarinas; um outro sucesso editorial foi *A química na cozinha*, traduzido para o português por Elysa de Noronha. O livro de Zeferino Brandão, *Monumentos e lendas de Santarem*, era dedicado ao rei D. Luiz I e com suas 600 páginas teve uma grande circulação. Já o *Almanaque do horticultor*, sob a direção de Duarte de Oliveira Junior, atraiu pelas suas 56 gravuras. Ainda no mesmo ano de 1883, a Casa Editora David Corazzi lançou a coleção *Biografias de homens célebres dos tempos antigos e modernos*. Tal coleção trouxe

biografias de Lavoisier, Stuart Mill, Cristóvão Colombo, Fernão de Magalhães, Padre Antônio Vieira, Michelangelo, Beethoven, Camões e Dante, dentre outros. O primeiro volume foi dedicado a Cuvier e o segundo a Galileu Galilei. Cada volume, publicado quinzenalmente, tinha 32 páginas, em edição de luxo, com capa colorida, retratos e gravuras dos biografados.

A editora David Corazzi deixou de funcionar em 1889, a partir da criação da Companhia Nacional Editora de Lisboa, que também encampou na mesma oportunidade a editora Justino Guedes. Todavia, após a fusão, a Companhia Nacional Editora de Lisboa continuou publicando os volumes da *Biblioteca do povo e das escolas*, até 1902, quando foi substituída pela empresa A Editora – que também prosseguiu com a coleção. O sucesso editorial da *Biblioteca do povo e das escolas* e dos *Dicionários do povo* no Brasil levou o editor David Corazzi a abrir uma filial no Rio de Janeiro, no início do ano de 1882, à rua da Quitanda, 40. A Companhia Nacional Editora manteve escritórios no Rio de Janeiro, à rua da Quitanda, 38. Já A Editora instalou os seus escritórios naquela cidade, à rua São Pedro, 33. Em 1909, passou a funcionar em novo endereço, à rua do Ouvidor, 166. No mesmo ano, foram abertos os escritórios de São Paulo e Belo Horizonte. O primeiro, à rua São Bento, 65. O mineiro, à rua Bahia. A partir do ano de 1913, a comercialização da *Biblioteca do povo e das escolas*, no Brasil, passou a ser feita pela Livraria Francisco Alves<sup>42</sup>.

A colocação dos livros no mercado e a sua circulação estavam garantidos não apenas nas lojas da editora, mas também através dos correios. A editora fazia assinaturas e vendia também os livros de maneira avulsa, por via postal, desde que o interessado enviasse uma carta e a importância correspondente ao preço em estampilhas ou vales postais.

As dificuldades do mercado brasileiro do livro didático criaram as condições para que, durante toda a segunda metade do século XIX e pelo menos durante as duas primeiras décadas do século XX, muitos editores portugueses continuassem a produzir livros escolares – didáticos e complementares do trabalho escolar – destinados a estudantes portugueses e brasileiros. Em certa medida, tal problema ajuda a compreender o êxito entre nós de uma coleção como a *Biblioteca do Povo e das Escolas*, concebida para estudantes dos dois países. Lançada no início dos anos oitenta, oito anos antes da proclamação da República por aqui, a

(42) Hallewell oferece a seguinte explicação: “Francisco Alves cresceu rapidamente desde meados da década de 1890, e logo chegou a ter quase o monopólio no campo do livro didático brasileiro. Isso foi conseguido, em parte, suplantando com preços mais baixos os seus concorrentes, o que ele conseguia com tiragens maiores, mas principalmente comprando os concorrentes”. HALLEWELL, Laurence. **O Livro no Brasil**. São Paulo: T. A. Queiroz/Editora da Universidade de São Paulo, 1985, p. 210.

(43) Cf. HALLEWEL, Laurence. **O Livro no Brasil**. São Paulo: T. A. Queiroz/Editora da Universidade de São Paulo, 1985. p. 145.

(44) Cf. HALLEWEL, Laurence. **O Livro no Brasil**. São Paulo: T. A. Queiroz/Editora da Universidade de São Paulo, 1985. p. 208.

(45) Cf. EL FAR, Alessandra. **Páginas de sensação: literatura popular e pornográfica no Rio de Janeiro (1870-1924)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 13.

(46) Cf. EL FAR, Alessandra. **Páginas de sensação: literatura popular e pornográfica no Rio de Janeiro (1870-1924)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 50.

(47) Cf. EL FAR, Alessandra. **Páginas de sensação: literatura popular e pornográfica no Rio de Janeiro (1870-1924)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 50.

(48) **História de Portugal e Geografia geral**.

coleção teve a possibilidade de prosperar no exato momento em que “a qualidade da educação básica, pelo menos nas províncias mais ricas, tinha melhorado suficientemente para criar um mercado viável de livros”<sup>43</sup>. De fato, as duas últimas décadas de existência do Império apresentaram uma razoável melhora no quadro de indicadores da educação. O número de escolas passou de 3.561 para 7.500. O desenvolvimento dos negócios do café, no alvorecer do período republicano, permitiu que pelo menos no centro e no sul do Brasil fossem feitos alguns investimentos de vulto para a melhoria da qualidade do ensino. “Mais importantes para o mercado de livros didáticos foram os grandes progressos nos métodos educacionais”<sup>44</sup>. Somente na cidade de São Paulo, o índice de alfabetizados que era de 45% em 1887 passou para 75%, em 1920. No Rio de Janeiro, segundo o recenseamento de 1890, a população correspondia a 522 mil habitantes, dos quais

57,9% dos homens e 43,8% das mulheres foram registrados como alfabetizados, o que representava, em termos numéricos, cerca de 270 mil pessoas capazes de ler e escrever. Com o novo século, o índice populacional cresceu de modo acelerado. Em 1906, havia na cidade 811 443 almas, cujo montante de possíveis leitores ultrapassava os 400 mil<sup>45</sup>.

Os dados referentes ao número de leitores no Brasil ganham relevo, principalmente quando se considera que em Portugal, no mesmo período, segundo o recenseamento daquele país realizado em 1890, 79,2% da população não sabiam ler nem escrever, o que representava para todo o território português uma comunidade de leitores equivalente a menos de 1 milhão e 100 mil pessoas<sup>46</sup>. A estimativa é que somente a população de leitores do Rio de Janeiro, de São Paulo e de Salvador superava o total de leitores existentes em Portugal. Indicadores como estes demonstram a importância que tinha para as editoras portuguesas o comércio de livros no Brasil, onde, segundo o intelectual português Valentim Magalhães, eram lidas até mesmo as obras portuguesas de menor importância<sup>47</sup>.

Talvez por todas essas razões, a *Biblioteca do povo e das escolas* seja uma grata surpresa, quando se observa atentamente e se percebe que em um país no qual a maioria dos livros não alcançava a casa dos 300 exemplares vendidos anualmente, tal coleção tenha vendido, nos seus dois primeiros volumes<sup>48</sup>, 6000 exempla-

res de cada<sup>49</sup>, em Portugal e no Brasil, uma vez que “mesmo livros de boa vendagem raramente superavam seiscentos ou oitocentos exemplares por ano”<sup>50</sup>. Mais surpreendente é quando nos damos conta de que já no terceiro volume a tiragem das edições de cada livro da *Biblioteca do povo e das escolas* crescera para 12 mil exemplares, posto que mesmo as edições mais bem sucedidas, de autores consagrados, jamais excediam o número de 1000 exemplares. No volume 11, cada livro da coleção já tirava 15 mil exemplares. É possível avaliar o que representava tal feito:

As edições mexicanas da época raramente ultrapassavam 500 exemplares, e L. E. Joyce, descrevendo a situação do Chile já no século XX, no começo da década de 20, nos diz que as novas obras que não eram de ficção limitavam-se a edições de cerca de 200 exemplares e mesmo um romancista consagrado não ousava ultrapassar uma tiragem de 500 exemplares – e ficava feliz ao conseguir vender a metade<sup>51</sup>.

Portanto, impressionam sobretudo as informações acerca da quantidade de exemplares que eram impressos a cada novo volume da coleção, posto que tais tiragens são muitas vezes superiores mesmo aos padrões europeus do período:

1.000 exemplares também eram, para muitos tipos de livros, uma grande edição mesmo para os padrões europeus. (...) a editora literária Bodley Head (da Inglaterra), publicou 49 títulos na década de 90, dos quais apenas 15 alcançaram ou excederam 1.000 exemplares, e dez dos quais tiveram uma tiragem de menos de 500, Mesmo em 1930 a primeira edição de um romance inglês era, em média, de 750 a 1.000 exemplares<sup>52</sup>.

## Considerações finais

Não obstante a sua enorme importância, a *Biblioteca do povo e das escolas* tem sido praticamente uma ilustre desconhecida da maioria dos estudos a respeito do livro e do mercado editorial no Brasil. O autor que até agora tem servido de referência básica aos estudos da questão no Brasil<sup>53</sup> ao tratar do problema em nenhum momento faz referências à *Biblioteca do povo e das escolas*. Ao discutir a aquisição da firma portuguesa David Corazzi pela Livraria Francisco Alves, passa ao largo da *Biblioteca*, fazendo referências apenas a outras coleções da empresa de Portugal, bem me-

(49) Apesar do registro dessa tiragem constar dos prefácios e das apresentações dos próprios livros da coleção, autores como Manuel Domingos afirmam que os livros tiveram tiragem de 10 mil exemplares, atingindo o dobro oito meses após o seu lançamento. Cf. DOMINGOS, Manuel D. **Estudos de Sociologia da Cultura: livros e leitores do século XIX**. Lisboa: Instituto Português de Ensino a Distância, 1985. p. 78.

(50) Cf. HALLEWEL, Laurence. **O Livro no Brasil**. São Paulo: T. A. Queiroz/Editora da Universidade de São Paulo, 1985. p. 147.

(51) Cf. HALLEWEL, Laurence. **O Livro no Brasil**. São Paulo: T. A. Queiroz/Editora da Universidade de São Paulo, 1985. p. 148.

(52) Cf. HALLEWEL, Laurence. **O Livro no Brasil**. São Paulo: T. A. Queiroz/Editora da Universidade de São Paulo, 1985. p. 148.

(53) Referimo-nos ao clássico trabalho de Hallewell, aqui insistentemente citado.

nos importantes, sob todos os aspectos que a *Biblioteca do povo e das escolas*.

São poucos os autores brasileiros que têm sublinhado a importância desta coleção. Todavia, existem muitas evidências sobre a importância que tiveram esses livros nas duas últimas décadas do século XIX e nas quatro primeiras do século XX. No seu estudo sobre Rangel Pestana, Maria Lúcia Hilsdorf<sup>54</sup> indica haver sido aquele intelectual um entusiasta dos livros da coleção publicada pela editora David Corazzi. Pestana os considerou uma boa alternativa a ser adotada pelas escolas brasileiras. Já Alessandra El Far<sup>55</sup> aponta a importância da coleção e sua circulação no Brasil. Há evidências de que os livros da *Biblioteca do povo e das escolas* circularam em São Paulo, no Rio de Janeiro, em Minas Gerais, na Bahia, em Sergipe e no Ceará. Em relação a este último Estado, é muito importante o estudo realizado por Giselle Martins Venâncio, dando conta da existência de 38 títulos da coleção na livraria de Gualter Rodrigues da Silva, em 1892, na cidade de Fortaleza<sup>56</sup> Cf. VENANCIO, Giselle Martins. "Lisboa - Rio de Janeiro - Fortaleza: os caminhos da coleção Biblioteca do Povo e das Escolas traçados por David Corazzi, Francisco Alves e Gualter Rodrigues". *Cultura*. Revista de História e Teoria das Idéias, Lisboa: v. 21, 2005.

Cultura

. Revista de História e Teoria das Idéias, Lisboa: v. 21, 2005.

Livros como os da coleção *Biblioteca do povo e das escolas* circularam no Brasil durante todo o século XIX e nas primeiras décadas do século XX. Eles contribuem para que se compreenda o quadro de mentalidades do período e lançam luzes que esclarecem algumas práticas culturais e educativas do Brasil oitocentista.

A *Geografia geral*, livro de número dois da *Biblioteca do povo e das escolas* revela as características que tinha a disciplina durante a segunda metade do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, como o seu acentuado conteúdo histórico, elemento presente na maior parte dos livros de Geografia produzidos naquele período. O campo dos estudos geográficos era dominado pela Geografia Geral e o livro publicado pela *Biblioteca* de David Corazzi tinha, como os demais, um caráter iluminista e enciclopédico.

**ABSTRACT:** This work analyses the General Geography, by Francisco Guilherme de Sousa, inside The People and Schools Library collection.

(54) Cf. HILSDORF, Maria Lúcia. **Francisco Rangel Pestana:** jornalista, político, educador. São Paulo: USP, 1986. Tese (Doutorado em Educação). p. 122-123.

(55) Cf. EL FAR, Alessandra. **Páginas de sensação:** literatura popular e pornográfica no Rio de Janeiro (1870-1924). São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

(56) Cf. VENANCIO, Giselle Martins. "Lisboa - Rio de Janeiro - Fortaleza: os caminhos da coleção Biblioteca do Povo e das Escolas traçados por David Corazzi, Francisco Alves e Gualter Rodrigues". *Cultura*. Revista de História e Teoria das Idéias, Lisboa: v. 21, 2005.

This analyses tried to understand the speech of its author and also the strategies of Casa Editora David Corazzi, responsible for a 237 book collection that was active for 32 years, from 1881 to 1913, in Portugal and in Brazil. In General Geography it is possible to see the description of races, religions, governments and States that existed at that time.

**KEY WORDS:** Libraries; Research; Geography.

## Referências

- ARAÚJO, Acrísio Tórres. *Geografia de Sergipe*. 6ª ed. São Paulo: Editora do Brasil, 1966.
- CARVALHO, Marta Maria Chagas de. Usos escolares do impresso: Questões de historiografia. In: *Cadernos de História e Filosofia da Educação*. São Paulo: FEUSP. vol III, nº 5. 2000.
- CHARTIER, Roger. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Tradução de: Mary Del Priori. Brasília: Editora Universitária, 1999.
- . *Os desafios da escrita*. São Paulo: Editora UNESP, 2002.
- CHERVEL, André; COMPÈRE, Marie-Madeleine. "As humanidades no ensino". In: *Educação e Pesquisa*. São Paulo: v. 25, nº 2. p. 149-170, jul/dez. 1999.
- DOMINGOS, Manuel D. *Estudos de Sociologia da Cultura: livros e leitores do século XIX*. Lisboa: Instituto Português de Ensino a Distância, 1985.
- EL FAR, Alessandra. *Páginas de sensação: literatura popular e pornográfica no Rio de Janeiro (1870-1924)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- HALLEWEL, Laurence. *O livro no Brasil*. São Paulo: T. A. Queiroz/Editora da Universidade de São Paulo, 1985.
- HILSDORF, Maria Lúcia. *Francisco Rangel Pestana: jornalista, político, educador*. São Paulo: USP, 1986. Tese (Doutorado em Educação).
- LACERDA, Joaquim Maria. *Pequena Geographia da infância*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1914.
- MAGALHÃES, Valentim. *Litteratura brasileira (1870-1895)*. Rio de Janeiro, Lisboa: Livraria de Antonio Maria Pereira, 1896.
- MONTEVERDE, Achilles Emlio. *Manual encyclopédico*. Lisboa: Imprensa Nacional, [189?].
- MUNAKATA, Kazumi. *Produzindo livros didáticos e paradidáticos*. São Paulo: PUC, 1997. Tese (Doutorado em Educação).
- NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. Nota previa sobre a palavra impressa no Brasil do século XIX: a biblioteca do povo e das escolas. In: *Horizontes*. Bragança Paulista: Centro de Documentação e Pesquisa em História da Educação. V. 19, s/nº, p. 11-29, 2001.
- Petit Larousse Illustré*. Paris: Librairie Larousse, 1919.

ROCHA, Genylton Odilon Rego da. A Geografia escolar nos fins do século XIX: revisitando os pareceres de Ruy Barbosa de 1882. In: **I Encontro Nacional de História do Pensamento Geográfico**. Vol. I, Rio Claro: UNESP, 1999.

SANTOS, Vera Maria dos. **A Geografia e os seus livros didáticos sobre Sergipe: do século XIX ao século XX**. São Cristóvão: Núcleo de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Sergipe, 2004. Dissertação (Mestrado em Educação).

SOUSA, Francisco Guilherme de. **Geographia geral**. Lisboa: David Corazzi, 1881. (Coleção *Biblioteca do povo e das escolas*).

VENANCIO, Giselle Martins. Lisboa - Rio de Janeiro - Fortaleza: os caminhos da coleção Biblioteca do Povo e das Escolas traçados por David Corazzi, Francisco Alves e Gualter Rodrigues. **Cultura**. Revista de História e Teoria das Idéias, Lisboa, v. 21, 2005.

WUO, Wagner. O ensino da Física na perspectiva do livro didático. In: OLIVEIRA, Marcos Aurélio Taborda de e RANZI, Serlei Maria Fischer Ranzi. (Org.). **História das disciplinas escolares no Brasil: contribuições para o debate**. Bragança Paulista: EDUSF, 2003.